

XI. NEGROS E NEGRAS: SOCIABILIDADE E AFETIVIDADE

Antônio Emilio Morga¹

Resumo

Esse artigo se propõe analisar as práticas de sociabilidade e afetividade da população cativa da cidade de Nossa Senhora do Desterro no século XIX. Na ótica dos ávidos por modernidade as mudanças urbanas e sociais tornavam-se imperiosas para a capital da Província de Santa Catarina. Nesta perspectiva os agentes do mundo cosmopolita combatiam práticas de sociabilidade e afetividade da população desterreense e de modo particular as práticas da população escrava. Práticas de afetividade e sociabilidade da população escrava eram constantemente reprimidas nos periódicos que circulavam na cidade do Desterro no século XIX.

Palavras-chave

Escravos. Cidade. Afetividade. Sociabilidade.

Abstract

This article aims to analyze the practices of sociability and affection of the captive population of the town of Our Lady of Exile in the nineteenth century. In the perspective of eager modernity and urban social change became imperative for the capital of the province of Santa Catarina. In this perspective the agents of cosmopolitan world fighting practices of sociability and affection desterreense population and particularly the practices of the slave population. Practices affection and sociability of the slave population were constantly suppressed in journals that circulated in the city of Desterro in the nineteenth century.

Keyword

Slaves. City, Affection. Sociability.

¹ Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação/UFAM.

Na capital da província de Santa Catarina, no século XIX, através dos códigos de postura, editais de policia, editoriais e notas de advertência, publicados na imprensa, os agentes reguladores da principesca burguesia desterrense combatiam aquilo que consideravam práticas indesejáveis aos bons costumes das famílias e da cidade de Nossa Senhora do Desterro.

A burguesa desterrense ao traçar os itinerários das tipologias e cartografias da cidade almejada e desejada tratava de inserir no cotidiano prescrições que regulamentavam a visibilidade dos escravos nos sinuosos recônditos da Ilha de Santa Catarina.

Intervenções que expressavam sem permitir o contraditório, os limites da ocupação dos territórios de sociabilidade e de afetividade da população negra. E, ao não permitir que os escravos participassem de quaisquer divertimento os agentes do mundo burguês prescreviam normas de condutas sobre as práticas de comportamento dos negros e negras, da capital da Província de Santa Catarina. Assim definiam seus territórios como lugares da civilização e demarcava o território do outro como lugar doente e infectado que precisava ser diagnosticado e tratado.

Na aprazível e longínqua Ilha de Santa Catarina, negros de diversas procedências e etnias – Banto, Congos, Benguelas, Cabindas, entre outros, transitavam pelas bucólicas esquinas, ruelas, tabernas, ruas, bodegas, porto e fontes d'água, envolvidos num diversificado cotidiano de labor, sonhos, desejos, encantos, magias, existência, prazeres e amores.

Poder-se-ia dizer que nos primórdios da fundação da povoação de Nossa Senhora do Desterro a população escrava indígena já transitava

pela beira da praia a construir as primeiras choupanas que serviriam de abrigo ao seu fundador e a sua grande família – filhos, agregado e índios domesticados e padres jesuítas.

Os vicentistas e santistas, escravocratas, que percorrerão a costa brasileira retiraram através das capturas centenas de silvícolas carijós que habitavam no litoral catarinense e Ilha. Esta prática criou campos de tensões com os jesuítas que defendiam e protegiam os carijós diante das incursões dos bandeirantes em busca dos ameríndios para trabalhar nas fazendas.

A principesca povoação prosperava enquanto sua gente se entretinha no labor do dia a dia. Os homens caçando, pescando e cuidando das roças repletas de milho, laranja, trigo, mamão, algodão, limão, fumo, batata, iame, cana-de-açúcar, banana, feijão e mandioca e as mulheres na labuta dos afazeres domésticos produziam o pão, limpavam as choupanas, remendavam as roupas, produziam utensílios domésticos com barro e se distraíam colocando a conversa em dia quando iam à fonte lavar roupa, recolher água e banhar as crianças.

Conta a historiografia desterrense que apesar de uma pujante iniciação de povoação sobre o comando do bandeirante Dias Velho a população teve seu dia de debandada, sangue, dor, perdas pessoais e econômicas. Foi numa manhã. Logo cedo. O sol mal tinha saído. A pequena colônia a beira-mar é atacada por flibusteiro liderados por Robert Lewis que invadiram as habitações fazendo a população prisioneira. E em defesa das suas três filhas virgens o fundador da povoação trava um feroz combate com um grupo de corsários que tinha em seu poder as jovens núbias. No entrevero, no entrelaçar das espadas, o corpo de Dias Velho tomba sobre a terra fértil e prospera do Desterro.

Acontecimento, segundo a historiografia, ocorrido porque tendo os piratas, um ano antes, arribado no entorno da Ilha de Santa Catarina para refugiar-se de uma tormenta, fazer alguns reparos nas avarias sofrida pelo navio, colher água e suprir-se de alimentos. E ao desembarcar em terra firme com a prata e o ouro vindos do Peru foram surpreendidos pelo fundador e sua gente. No intenso combate os flibusteiros, recuaram diante da forte resistência imposta pela população, deixando para trás toda a prata e ouro na beira da praia. Conta-se que Dias Velho ladinamente e espertamente, confiscou os metais para seu deleite pessoal.

Contudo, logo após serem absolvidos e soltos em Santos os corsários vieram em busca de vingança e do seu tesouro. E escolheram o final da madrugada fria para tomar de sobressalto o pequeno povoado. Ainda era noite e todos dormiam enroscados nos seus sonhos e desejos, enquanto, vultos esquivavam-se sorrateiramente entre os declives suaves da mata e da praia.

E logo após a invasão, e do sangrento combate e da morte do seu fundador os sobreviventes do infortúnio, dirigiram-se para outros lugares. Entrando a Ilha de Santa Catarina num processo de abandono.

E entre avanços, recuos e contradições Nossa Senhora do Desterro recebeu em 1748 sua primeira leva de imigrantes, a segunda 1749, a terceira 1750 e a quarta em 1752. Totalizando 4.024 imigrantes oriundos do Arquipélago dos Açores. *Foi só então que a população de Santa Catarina se acentuou, tomando um caráter estável e próprio, localizando-se permanentemente em cada sítio um núcleo de povoadores.*²

² VÂRZEA, Virgílio. *Santa Catarina – A Ilha*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985, p. 11.

Impulsionada pela força e sonhos de açorianos e madeirenses a futura capital da província prospera e se moderniza. Ao seu entorno algumas famílias enriqueciam. O comércio proliferava. A cidade através do seu porto era suprida diante das suas necessidades. Alguns viajantes fazem referencia em seus relatos de viagens sobre abundancia de mercadorias encontradas nas prateleiras das lojas. Também observaram o movimento das ruas, a elegância e o bom gosto do vestuário em dias de festas e que segundo alguns viajantes contrastavam com a penúria das roupas dos cativos que circulavam seminus pela cidade.³

A imprensa com editoriais contundentes, notas e publicação a pedido questionavam o uso do espaço público pela *negrada* que vivia cantando, tocando e namorando em diferentes pontos da cidade – terrenos baldios, fonte d'água, praia, adro da Igreja, encosta dos morros e praça.

A sociedade dos brancos desterrense sempre mereceu atenção e elogios pela grã-finagem de todos que tiveram oportunidade de conviver com sua intimidade. Descrita por cronistas, romancistas, jornalistas e viajantes como uma sociedade de distinção social, luxo, riqueza e onde reinava os bons costumes e a moralidade era visível na intimidade das mais nobres famílias.

A convivência social em Desterro é, pela sua afabilidade, um desdobramento da vida em família. Num baile, em clubes ou em casas particulares, como no teatro, em representações públicas e outras, há sempre a mesma afetuosidade e lhaneza das assembléias íntimas.⁴

Se a sociabilidade dos brancos perfilava cordialidade em seus

³ Ver, *Ilha de Santa Catarina*; relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX; compilado por Paulo Berger, 2º. Edição. Florianópolis, Editora da UFSC/Assembléia Legislativa, 1984.

⁴ VÁRZEA, Virgílio. Op.cit. p. 34.

salões os negros em dias de bailes “*não poderiam passar da primeira porta e aí aguardarem a volta dos seus senhores*”.⁵ A entrada restritiva nos salões dos brancos não era impedimento para que os cativos se divertissem. Sobrava o espaço da rua e arredores do Clube e nestas oportunidades eles se reuniam em conversas, batucadas, cantorias e risadas.

O mesmo jornal, em editorial, chamava atenção das autoridades do freqüente ajuntamento de escravo de ambos os sexos que passavam a noite na batucada, cantorias, risadas e gritinhos das libertas em desfrutes. Comportamento, dizia o jornalista, inadequado para uma sociedade que se modernizava. A vadiagem noturna e preocupante, pois é através dela que muitas famílias em nossa cidade se encontram fragmentadas, enquanto os antros de perdição proliferam. E tudo isso acontece pelas sucessivas omissões das nossas autoridades.

Se as autoridades eram omissas não podemos asseverar. Mais o amigo do alheio denuncia pelas páginas do Jornal O Despertador que o delegado e subdelegado na festa de Nossa Senhora no distrito do Ribeirão da Ilha completamente embriagados e com gestos obscenos se enroscavam na frente de quem quisesse ver com duas escravas ainda muito jovens.

Espantado ficou um morador ao entrar numa taberna próxima ao Hospital Menino Deus e encontrar escravos, homens e mulheres, completamente embriagados. Seu espanto ocorreu porque alguns cativos lhe dirigiram palavras ofensivas quando este se retirava do lugar. Se já não bastasse a cena deplorável que os homens honestos dessa cidade presenciam nas fontes d'água e agora somos insultados pelos escravos.

⁵ Jornal O Novo Irís – 13-10-1851.

Onde andara os códigos de postura que nos seus artigos proíbe devidas condutas dos cativos?

Nas páginas do jornal, O Argos, um leitor indignado com as atitudes libidinosas de um casal de negros que tomavam banho de mar nus e que saíam da água em gritos correndo para o mato. Diz o leitor aflito que famílias honestas dos arredores tiveram que conviver com essas atitudes indecorosas toda manhã e o casal de escravo sem serem interrompidos por qualquer autoridade que chamada fora.

Se o languido banho de mar causou frenesi pela cidade o que dizer do amigo da moralidade pública ao ver uma escrava, de propriedade de um senhor que todos conheciam por ter como hábito não pagar suas dívidas, completamente nua a banhar-se na fonte sem se importar com aproximação de alguns homens. Diz o indulgente cidadão que a escrava fingia não perceber que estava sendo observada e entre risos e brincadeiras se refrescava com suavidade na água fria a escorrer sobre seu corpo negro iluminado pelo luar de verão. Diante do que vivenciou finaliza perguntando até quando as famílias vão conviver com a imoralidade que há tempos anda soberba pelas ruas de Nossa Senhora do Desterro.

As fontes d'água era um dos lugares de encontro dos escravos. Encontravam-se nas primeiras horas do dia, quando iam recolher água para seus senhores. Ali, entre o frescor da água matinal, escondidos, banhavam-se, namoravam e marcavam encontros. Era lugar também das discórdias motivada pelo ciúme. Em algumas ocasiões o entrevero da dor amorosa provocava cenas de violências. Foi por ciúmes da negra Micaela, que dois escravos de propriedade do Sr. Antônio Nunes Ferreira se engalfinharam-se. Ambos foram recolhidos a cadeia. Enquanto seus

admiradores refrescavam os ânimos, Micaela se divertia dançando e namorando pelos terrenos baldios da cidade.⁶

Nas tabernas mais afastadas da cidade, onde alguns libertos encontravam-se para bebericar e namorar, enquanto seus senhores dormiam, era objeto de constante reprimendas através dos códigos de posturas. As proibições se intensificavam pelas páginas dos jornais. Aos cativos, diante que qualquer manifestação de sociabilidade e afetividade, a lei se impunha com vigor. Apesar da Ilha de Santa Catarina não ser um entreposto do comércio escravocrata, a capital da Província possuía uma significativa população negra que circulava nos múltiplos lugares e recantos da cidade.

Diante dos clamores que defendiam os anseios da inebriante modernidade, os agentes fiadores das demandas da burguesia em ascensão lembram através de nota publicada no jornal *O Argos* em 1856 que

[...], sendo proibidos os ajuntamentos de escravos nos armazéns e tabernas, e outros quaisquer lugares que costumam reunir-se, a Polícia tem ordens terminantes para fazer dispersar os escravos que, em qualquer hora do dia ou da noite, forem encontrados em tais ajuntamentos, prendendo aos que deixarem de submeter-se imediatamente as ordens da polícia.⁷

Entretanto parece que estas proibições não serviram de impedimento para que os escravos circulassem pelos recônditos da cidade e tão pouco de conviverem afetivamente e socialmente. Pois em 1863 o jornal *O Despertador* publica, a pedido do Secretário de Polícia Augusto Galdino de Souza, que o Código de Postura da Câmara Municipal se encontrava ainda em vigor.

⁶ Jornal *O Argos* – 21-10-1855

⁷ Jornal *O Argos* – 27/11/1856

Artº. 86. Fica proibido o uso escandaloso de se mostrarem nas praias, rios ou fontes, pessoas nuas. O que se encontrar desta maneira, sendo livre pagará 4\$000 de multa e sendo escravo será castigado policialmente pela competente autoridade.

Lembrando, também, que o código de postura no seu artigo 44 proibia ajuntamento de vadios e escravos pelos seus senhores.

Artº. 44. Tôda pessoa que em sua casa fizer ajuntamento de escravos, ou vadios para danças ou ainda mesmo que consinta ali de noite, desamparando os primeiros por esta forma a de seus senhores, incorrerá na pena de 15 dias de cadeia.⁸

Mas nem só de prazeres viviam os escravos. Em Nossa Senhora do Desterro os cativos se encontravam em várias formas de atividade econômica. Muitos dos seus senhores alugavam seus escravos tornando-os uma fonte de renda que era promissora na Ilha.

Em 1831, a comerciante D^a. Rosa Angélica Pessoa solicitou a câmara licença para que seu escravo de nome Pedro, percorresse as ruas desterreense vendendo tecido em porta em porta. A câmara deferiu favoravelmente a solicitação da comerciante, entretanto, exigindo que a comerciante respondesse *“por alguma trapaça que possa fazer o dito seu escravo, a que comumente são inclinados os pretos e petras que lidam em quitandas”*.⁹ Segundo um amigo da moralidade amorosa, na freguesia de Santo Antônio, numa taberna *muito bem conhecida*, uma escrava de nome Sebastiana, deixa transparecer seu *opulento colo* admirado por olhares gananciosos dos freqüentadores. Enquanto isso, seu patrão, espertamente vai enchendo os copos. E alerta as autoridades que este covil da indecência e imoralidade é freqüentado por pais e filhos de honestas famílias. Ao terminar sua lamúria pelas páginas do

⁸ Jornal O Despertador – 27/01/1863

⁹ Arq. Pref. Mun. Fpolis - 03- 11- 1831.

jornal O Despertador, pergunta ao delegado de policia se na cidade de Nossa Senhora do Desterro os códigos de postura foi abolido. Ainda sobre os jogos lúdicos da sedução e dos encantos da mulher negra que suscita a imaginária masculina, um jornalista indaga porque um comerciante conhecido na capital da província ostenta sua escrava de adornos e vestidos generosamente decotados provocando suspiros dos homens e cochichos das senhoras. Lembrando o intruso jornalista que o mesmo senhor deveria respeitar sua família para não serem objetos de insinuações maldosas.

Se na freguesia de Santo Antônio, a negra Sebastiana, controlava os desejos incontáveis e intocados dos fregueses da taberna, na cidade do Desterro pelos jornais proliferavam anúncios oferecendo ou procurando Amas de leite para alugar. Atendendo as futuras patroas brancas *de lactação escassa, ou de má qualidade*. E quem quisesse alugar um ama de leite farto, procurasse o Major Macedo na rua do vigário que ele indicaria a pessoa com que o interessado deve tratar. O intermediário Major Macedo, em outra oportunidade, em outro jornal, também intermedia o desejo de quem necessitava dos préstimos de uma Ama de leite e de quem a possuía para alugar, oferecia uma parda sem filhos, bonita, leite farto e sabendo cozinhar, costurar e engomar. Nas páginas do jornal Novo Iris, 1850, um morador diante da urgência da necessidade de alugar uma Ama de leite, publica que “*na rua do livramento, n° 10, precisa-se e com a maior brevidade de uma ama de leite; não se olha o preço, sendo limpa e com abundante leite, dando-se preferência à que não tiver cria*”.¹⁰

¹⁰ Jornal O Novo Iris – 06 -12 -1850.

Essas mulheres quem possuíam leite farto e saudável apareciam na imprensa constantemente. Ora seus senhores as ofereciam em forma de aluguel, ora alguma senhora procurava quem as estivessem para alugar. Ao que tudo indica muitas mulheres negras, alimentaram, através dos seus seios, cavalheiros e senhoritas desterrense no século XIX.

Conta Oswaldo Rodrigues Cabral que os homens negros e mulheres negras da capital da Província de Santa Catarina desenvolveram varias atividades econômicas. Os negros se dirigiam para pesca, canoieiros, chacareiros, alfaiates, pedreiros, sapateiros, marceneiros, barbeiro, mascateiro e funileiro. As negras tornavam-se quitandeiras, lavadeiras, engomadeiras, Amas de leite e cozinheiras. As cozinheiras, engomadeiras e Amas de leite pela quantidade de publicação vendendo ou alugando que coligimos nos jornais indicam que estas eram muito requisitadas pelos seus atributos. Essas três atividades faziam que gente mais abastada de algumas cidades do interior da província as procurasse em Nossa Senhora do Desterro. Mesmo assim havia sempre alguém disposto a se livrar de uma escrava cheia de qualidades. “*Vende-se uma escrava, muito sadia, excelente cozinheira, boa lavadeira, superior engomadeira, muito fiel, carinhosa, calada e de bom gênio*”. Segundo Cabral “*Deveria haver uma razão muito forte – quem sabe aquela de ser carinhosa? – para se desfazer de uma preciosidade destas....*”¹¹

O ciúme das patroas também era um dos motivos para que a cativa fosse colocada a venda. Muitas senhoras incomodadas diante dos afagos e das benevolências dos esposos com determinada escrava não mediam esforços para desfazer-se daquela que era motivo das

¹¹ Ibidem, p. 391.

suas preocupações amorosas. Sendo a escrava nova e sensual a tensão aumentava na medida em que a paixão entre os amantes transparecia com os cuidados e delicadezas. O senhor completamente gamando pelos cafunés ganhos em noites de encontros e sem resistência deixava a mostra no ceio familiar sua predileção por determinada cativa. Foi o que aconteceu com a escrava Teodora. Narra o jornalista que essa infeliz escrava de propriedade, Antônio Claudino Rodrigues Coimbra, abastado comerciante, procurou o delegado de polícia para que este solicitasse aos seus senhores sua carta de alforria. Alega a núbia jovem de 20 anos, negra de quadril grande e requebrado, que sua patroa a maltratava por deita-se com seu patrão que era um homem muito bom para ela. Chamado a delegacia seu proprietário após ouvir o delegado de polícia determinou que a mesma permanecesse presa e fosse castigada. Mas quando a negra Teodora voltou para casa teve seus cabelos raspados.

Motivo de escárnio por onde passava a jovem escrava não suportando a humilhação e a dor joga-se ao mar cometendo suicídio. Nas páginas do Novo Iris, um anônimo criticava os chamegos exagerados de certo chefe de família que todas as noites freqüentava uma bodega na rua do Príncipe. E que todos sabiam que o motivo das suas idas devia-se a presença de uma escrava espevitada ainda jovem. O amigo do alheio chama atenção de um jovem recém casado para que tomasse mais cuidados com suas escapadinhas. Pois seu costume de deita-se com sua escrava na casinha, nos fundos do seu sítio, há bastante tempo já era percebida pelos seus vizinhos, que tinham que conviver com os maus tratos que sua esposa dispensava a escrava na sua ausência.

Na cidade de Tijucas, comenta o jornal O Campeão, que algumas pessoas começam a comentar a estranha dedicação que certa

senhora viúva dedica ao seu jovem escravo. Não raro, observa-se, que a dita senhora sem dar-se conta de onde encontra-se e na frente de todos, demonstra toda sua benevolência e afeição. Tempos depois, anunciava-se que na praia de Porto Belo que um escravo e curandeiro, raptou a mulher do seu patrão. Acreditou-se por um tempo que o ocorrido devia-se aos poderes do curandeiro. Mas tendo sidos encontrados, a mulher mostrou a carta de alforria do negro fujão e o delegado nada pode fazer. Comenta-se, finaliza o jornalista, que a senhora Sebastiana negou-se a voltar para o lar que ela havia desonrado. São os ditos tempos modernos.

A modernidade adentrava em Nossa Senhora do Desterro. Nos seus salões a distinção social apresentava-se eloqüente. As senhoras com suas jóias e vestidos recém chegado do Rio de Janeiro entregavam-se as delicias das modas e modos. Os homens de sobrecasaca, gravata preta e camisa engomada branca com chapéu e bengala lhes conferia uma aparência de respeitabilidade e prosperidade. “*O vestuário de ambos os sexos é europeu; considerando que todo ele é constituído de fazenda finas e leves, portanto, usa-se com muita freqüência a musselina, o linho, o manquim e fina seda*”.¹²

Enquanto a sociedade dos brancos prósperos exhibe-se entre suas farturas e fetiches, nos seus porões, negros e negras, expunham as mazelas da sociedade desterreense escravocrata. *Os escravos negros andam quase sempre sem cobertura; os homens se cobrem com uma meia calça, as mulheres com uma saia curta e no máximo uma camisa velha ou um*

¹² LANGSDORFF, G. H. Von. “Bemerkungen auf einer reise um die Weli in den Jahren 1805 bis 1807.” Frankfurt am Main. 1822, in verlag bei Friedrich Wilmans. In: *Ilha de Santa Catarina*. Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Trad. de Dolores R. Simões de Almeida, p. 165.

*pano caído sobre o peito.*¹³ Dom Pernetty, 1763, em vista a Ilha de Santa Catarina observou *Os mulatos são em maior número, geralmente feios, com um ar selvagem, como se fossem uma mistura de brasileiro e negro. [...]. As escravas negras usam somente um pedaço de tecido que as cobre da cultura até acima do joelho; [...].*¹⁴ O médico alemão Von Langsdorff, ancorou na Ilha de Santa Catarina em 1803, e conviveu intensamente com a população participando de vários acontecimentos sociais e perscrutou uma peculiaridade entre a população negra. Seu olhar médico não pode deixar de notar a higiene dos escravos antes de deitarem nas redes e esteiras *lavam os pés com água morna.*

Outros viajantes também fizeram referencias ao viver cotidiano da população escrava negra. Uns falando do ócio em que viviam os escravos, outros encantados com as negras que cobriam os seios com tecido transparente e tinham aqueles que encontraram negros perambulando pelas ruas, biroscas e tabernas.

A capital da Província de Santa Catarina remodelava o espaço público e privado. Novas pedagogias, simbologias e representações eram inoculadas na tessitura da teia social. Contradições afloravam pela cartografia urbana da cidade. A cidade desterrense do século XIX, repleta de espelhos e imagens, buscava através dos seus agentes modernizante imprimir suas tipologias sobre a cidade e sujeitos.

Nas páginas dos periódicos que circulavam em gabinetes oficiais, lojas, barbearias, bodegas, lares, secos e molhados e igrejas criticavam-se de forma sistemática comportamentos, hábitos e atitudes.

¹³ Ibidem, p. 165.

¹⁴ DOM PERNETTY, Antoine. “Histoire d’ un Voyage Isles Malouines, fait em 1763-1764.” Paris, chez Saillant Nyon, Delalain, 1770. In. *Ilha de Santa Catarina*. Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Trad. De Camen Lucia Cruz Lima., p. 82.

O espaço urbano com suas ruas cheias de imundices, fontes d'água imundas, pântanos a exalar mau cheiro, a escuridão das ruas infestadas de marinheiros, vadios, prostitutas e escravos, tornaram-se alvos prediletos dos amigos do moderno. Nos seus dizeres a cidade do desterro era um corpo doente e infectado que precisava ser diagnosticado e tratado. Suas malesas ora se indicava pela imoralidade que corria solta, ora pela ausência do poder público para intervir no espaço da cidade.

A cidade, desejada e almejada, transparecia no lento e descontínua transformação urbana. O poder público respondia as demandas suscitadas pelas novas maneiras de estar e ser da urbe. O mundo cosmopolita requeria da ascendente burguesia desterreense transformações que a impulsionasse e a inserisse nas encantadas representações e simbologias da modernidade.

Nesta perspectiva a capital da Província de Santa Catarina além de ver seu espaço urbano remodelado presenciava os comportamentos de sociabilidade e afetividade serem objetos de questionamento pelos agentes da modernidade.

O poder público na medida do possível respondia aos anseios da população. Os serviços de coleta de lixo, limpeza das fontes d'água, construção do teatro, iluminação pública, fundação da biblioteca, mercado público, jardinamento da praça, aterro das áreas centrais, calçamento de algumas ruas, criação do gabinete de leitura e drenagem dos pântanos eram melhorias significativas que introduziam certo bem estar no cotidiano dos sujeitos. Intervenções que modificavam a face da cidade.

Se o espaço urbano apresentava uma significativa melhora

à vida social transmutava com a criação dos clubes sociais, recitais domingueiros, sociedades dramáticas, musicais e literárias. Estes espaços perfilavam os códigos das boas maneiras, urbanidade e distinção. Lugares de convívio e de aprendizado das novas reformulações do viver na urbe moderna.

“Foi uma sociedade que procurou regular-se pelo figurino vigente nos grandes centros. [...]. Aqui, talvez, com maior rigor, pois o meio era pequeno e todos se conheciam. Era preciso ter conduta rigidamente prescrita [...]. E não havia que furta-se às regras. Elas não admitiam exceção e, uma quebrada no sistema chamado “de civilidade”, podia até mesmo vir a ser objeto de comentários pela imprensa, [...]”.¹⁵

E diante de tantas condutas que regulamentavam o viver cotidiano, os escravos procuravam dar evasão a sua sociabilidade e afetividade. Correndo os riscos das punições a população negra não se furtava, por exemplo, no carnaval ficar rindo de determinados figurões quando estes eram atacados pelos foliões que sobre eles despejavam seus limões de cheiros. Brincadeira conhecida como entrudo onde os foliões *jogando-se, uns sôbre os outros, os limões, e reciprocamente, batesse onde batesse – no peito, nas costas, na face, em qualquer lugar; molhando o atingido, ao romper-se o limão*.¹⁶ Vendo os figurões levarem uma carga de limões punham-se a rir da situação esdrúxula que ficava o cavalheiro. E quando o cavalheiro de bengala em riste ia em direção dos escravos era uma folia.

“A crioulada metia sebo às canelas, fugindo em todas as direções, desnor-teando o cidadão, às gargalhadas, aos gritos, enquanto riam as môças à janela, ocudia gente para ver – e o infeliz não podia sair a correr atrás da negrada sem perder a respeitabilidade”.¹⁷

¹⁵ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Op. cit; vol. I, p. 46.

¹⁶ CABRAL. O. Rodrigues. op. cit; vol. II, p. 228

¹⁷ Ibidem, p. 228.

Não existia alternativa para os figurões a não ser procurar os senhores donos dos escravos para fazer suas queixas. Muitos senhores se faziam de esquecidos e deixavam o tempo passar enquanto outros chamavam a polícia e mandavam prender o escravo. Este por sua vez preso com outros negros tratavam de alegrar-se na prisão. O jornal O Despertador, publica que para o espanto das autoridades alguns negros promoveram risadas e cantorias dentro das celas e diante do inusitado as autoridades viram-se na obrigação de aplicar determinados castigos. Embora fale de castigo o jornalista não explicita que tipo de corretivo os escravos sofreram. Porém lembra a população da capital que o código de postura municipal proíbe que escravos participem da brincadeira do entrudo. O que se vê é que muitos negros diante do faz de conta dos seus senhores aproveitam para fustigar as mais proentes figuras de nossa sociedade.¹⁸

Apesar do controle sobre a população negra em Nossa Senhora do Desterro através de vários agentes os negros resistiram de certa forma contra as normas de conduta que circulavam pelos gabinetes oficiais. Longe de se inibirem diante do não permitido os negros de Desterro circulavam em diversas possibilidades existentes na cidade.

Suas práticas de sociabilidade e afetividade transpareciam num diversificado ambiente por eles construído e vivenciado. Nas páginas dos periódicos que circularam com mais intensidade a partir da segunda metade do século XIX a visibilidade da população cativa se faz presente em diversas construções de imagens sobre sua existência na capital da Província de Santa Catarina.

Recebido em: 25/10/2011

Aceito em: 09/04/2012

¹⁸ Jornal O Despertador – 20 – 02 – 1876.